

INSTITUTO	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	A Defesa
Fonte	
Data	21/12/1979 Pg
Class.	Loço 39

NATAL FELIZ PARA OS XOKÓ DA ILHA DE SÃO PEDRO: GANHARAM A CAUSA JUSTA POR QUE LUTAVAM

Esta notícia estourou em Sergipe no dia 7 de setembro, através da televisão e do rádio. Foi à noite. A cidade de Porto da Folha, em cujo município se encontra a Ilha de São Pedro, vibrou de alegria: os sinos repicaram na velha Matriz - e era a véspera da festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição! - a banda de música de Pão de Açúcar, que lá chegava para as solenidades, puxou um dobrado, o povo saiu às ruas, e as crianças e os jovens batiam palmas e davam vivas.

Todos se alegravam com a vitória dos Xokó que finalmente chegavam ao termo de sua luta. O decreto do Governador Augusto do Prado Franco, nº 4.530, declarava de utilidade pública o imóvel rural denominado "Ilha de São Pedro" e, dessa maneira, o objetivo dos índios sergipanos era alcançado.

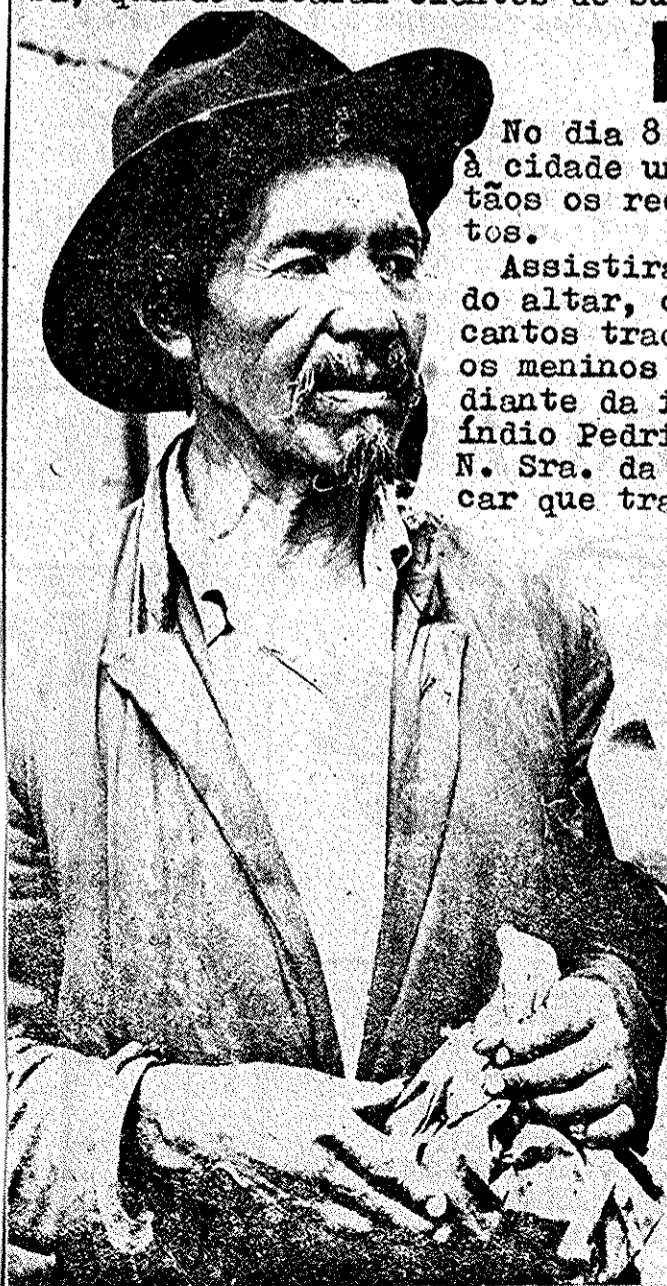
Na mesma noite, uma lancha foi à Ilha levar aos Xokó a notícia de sua vitória, lá chegando alta madrugada. Os índios se assustaram, porque ignoravam ainda o feliz desfecho do rumoroso caso. Sua alegria foi imensa, quando ficaram cientes de sua vitória.

Festa

No dia 8, pela manhã, chegava à cidade um grupo deles. Os cristãos os receberam de braços abertos.

Assistiram à missa, em torno do altar, cantaram dois de seus cantos tradicionais e, no final, os meninos Xokó dançaram o toré diante da imagem da Padroeira. O índio Pedrito Santana ofereceu a N. Sra. da Conceição o belo cocar que trazia à cabeça.

As famílias os levaram para suas casas, aos grupos de 2 ou 3, e à tarde desfilaram na procissão de encerramento. Na cidade pairava um ar de desafogo: afinal, os índios voltaram para as suas terras, terras que, aliás, sempre foram deles, conforme farta documentação apresentada pela FUNAI. E todos se lembram do rosto amigável de Frei Doroteu, repetindo aos que, há cem anos, ameaçavam seus avós: "ESTA TERRA PERTENCE AOS MEUS CABOCLOS".



Vitória dos Índios

A decisão tomada pelo Sr. Governador do Estado, expressa no Dec. nº 4.530, de 7 - 12 - 1979, é uma decorrência evidente da união dos Xokó na luta pela posse de suas que nunca deixaram de ser suas.

Um dos documentos mais antigos que se conhecem a esse respeito é o mapa do cartógrafo português, João Teixeira Albernaz. Ilustrando o "Livro que dá razão do Estado do Brasil", obra de Diogo de Campos Moreno, datada de 1612, ele assinala a ilha que conhecemos hoje como de São Pedro - como "Ilha dos Tapuias".

Vários estudiosos da História de Sergipe têm manuseado valiosos documentos que comprovam a posse imemorial da ilha por parte dos índios. Entre eles é preciso destacar a Professora Beatriz Góis Dantas e o Professor Luís Antônio Barreto. Frei Enoque Salvador de Melo fez uma paciente pesquisa nos arquivos de Salvador e descobriu documentos preciosos sobre os Xokó. Aliás, a própria história da Ordem dos Capuchinhos contém uma infinidade de dados sobre eles. Frei Anastácio d'Audierne trabalhou entre os Xokó por trinta anos, no séc. XVII. Frei Martinho de Nantes esteve na Ilha por dois meses. Frei Berardi lá está sepultado e Frei Doroteu de Loreto é lembrado ainda hoje, como se fosse de ontem.

A FUNAI reconhece que nunca teve em mãos um caso tão documentado como este. A Comissão Pro-Índio, de São Paulo, está para lançar um estudo sobre os índios da Ilha com riquíssima documentação.

A luta dos nossos índios teve uma torcida nacional. Não haverá talvez recanto do Brasil aonde não tenha chegado a notícia da pertinácia, da segurança, da coragem e da retidão dos Xokó na defesa de seus direitos, que vinham sendo pisados, há quase um século.

Assim, a Ilha de São Pedro se transformou para todos num símbolo profético de resistência contra a exploração da pessoa humana. Deve-se creditar tudo isso, e com os mais quentes aplausos, a muita gente que veio em auxílio dos índios: a Manuel de Oliveira, Presidente do STN de Porto da Folha; à uma equipe prestimosa de cristãos da mesma Paróquia; a grupos de cristãos de outros pontos da Diocese e do Estado; a um grupo de jornalistas - da imprensa escrita, falada e televisionada - que durante mais de um ano fizeram um esforço enorme para divulgar os fatos minuciosamente e às custas de sacrifícios sem conta, pondo, às vezes, em risco a própria vida; a diversas entidades de Aracaju - Direitos Humanos, Secundaristas, DCE, Diretório de Humanas, CEIS, Comitê Pro-Xokó, e a muitas outras entidades.

Os índios olham para nós e dizem: "Obrigado, gente boa".